

Representações do belo: o corpo melancólico na fotografia¹

Andrios Thiago de Moraes CORREA²
Juliana de Oliveira TEIXEIRA³
Faculdade Pitágoras, Londrina, PR

RESUMO

Este *paper* tem como objetivo expor e pensar a fotografia como ferramenta para a expressão artística do belo, por meio da imagem produzida pelo estudante de Publicidade e Propaganda Andrios Correa (2013). Levando em consideração as problematizações acerca da arte, da beleza e da imagem fotográfica, descreve-se o “caminho criativo” percorrido e a concretização da obra. Em linhas gerais, o relato demonstra o esforço da transposição de sentidos e sentimentos melancólicos via fotografia, lançando mão de três elementos essenciais: a iluminação, o corpo e as cores.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; belo; corpo.

1 INTRODUÇÃO

O que é belo? – questionar-se a respeito da beleza é quase tão complexo quanto questionar-se sobre a essência da arte. E, quando se caminha por esses campos estéticos, refletir sobre conceitos é fundamental, no entanto, esse esforço não elimina o papel da experiência e a maneira como esta pode contribuir para o entendimento e a fruição da obra de arte. Ernest Hans Gombrich (2013, p.21), autor do clássico *A história da arte*, convoca, na introdução de sua obra, a justamente deixar as essencializações de lado e a esquecer da ideia de arte com A maiúsculo – pois esta teria se tornado um “bicho-papão, ou um fetiche”. Para Gombrich (2013), o verdadeiro exercício de compreensão da arte está no “aprendizado interminável”, ou na curiosidade incessante de sempre surpreender-se frente às mais diversas obras:

Há sempre novidades a descobrir. As grandes obras de arte parecem diferentes cada vez que nos postamos diante delas. Parecem tão inexauríveis e imprevisíveis quanto seres humanos de carne e osso. É um universo instigante em si mesmo, com suas próprias entranhas e leis, suas próprias aventuras. Ninguém deve acreditar que já sabe tudo a seu respeito, pois isso seria impossível. Talvez o mais importante seja que, para apreciarmos tais obras, há que ter um espírito leve, pronto a captar as sugestões mais sutis e a responder a cada harmonia oculta; sobretudo, um

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Fotografia artística (avulsa).

² Aluno e estudante do 2º. Semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade Pitágoras de Londrina, email: andriosthiago@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade Propaganda da Faculdade Pitágoras de Londrina, email: juoliveira.teixeira@gmail.com.

espírito que não esteja travancado de palavras pomposas e frases-feitas. (GOMBRICH, 2013, p.33).

Tomando por base o “aprendizado interminável” de Gombrich (2013) e o incentivo do autor a procurarmos nossas próprias impressões na arte, foi proposto um “desafio” aos alunos do 2º semestre de Publicidade e Propaganda da Faculdade Pitágoras de Londrina (PR), dentro da disciplina de *Estética e História da Arte*. Ao invés de apenas fruir e analisar obras de arte já prontas, os estudantes foram convidados a, eles mesmos, produzirem arte, pensando naquilo que consideravam belo.

De acordo com Umberto Eco (2012, p.10), foi na época moderna em que se estabeleceu uma conexão mais próxima entre beleza e arte. E, por beleza, Eco (2012, p.8) compreende a fruição de alguma coisa por aquilo que ela é, “[...] independentemente da questão de possuí-la ou não. [...] É bela alguma coisa que, se fosse nossa, nos deixaria felizes, mas que continua a sê-lo se pertence a outro alguém”.

Apesar da simplicidade na definição da beleza, Eco (2012) faz questão de mantê-la assim, pois, como a arte, o belo se mostra diferente através dos séculos e das diversas culturas e épocas históricas que reconheceram que existiam coisas agradáveis à contemplação, apesar do desejo de possuí-las. “Nesse sentido, não partiremos de uma ideia preconcebida de Beleza: passaremos em revista as coisas que os seres humanos consideraram (no curso dos milênios) belas.” (ECO, 2012, p.10).

Dessa forma, diante das conexões entre arte e belo, e do “desafio” lançado em sala de aula, propôs-se a produção de uma fotografia artística, representando a beleza por meio do corpo, do jogo de luzes e das impressões do próprio estudante-fotógrafo sobre o tema.

2 OBJETIVO

O objetivo primário de produção da imagem fotográfica para a disciplina era representar, através das lentes, o belo de acordo com a concepção do próprio estudante-fotógrafo. Para tanto, além do esforço de se pensar a fotografia esteticamente, também se fez questão de “embutir” suas próprias subjetividades e sensibilidades na imagem. Para este aluno, refletir sobre a beleza trazia, intrinsecamente, certos tons de melancolia. Sua tarefa, portanto, foi transpor esse mosaico de beleza, arte e nostalgia para a fotografia.

3 JUSTIFICATIVA

A escolha da fotografia como suporte para a expressão artística do belo se justifica, primeiramente, pela afinidade deste aluno com o meio e sua vontade de experimentar e

transpor sensações via câmera fotográfica. Além disso, todas as discussões promovidas entre fotografia e arte (desdobradas abaixo) suscitaram ainda mais a reflexão sobre o trabalho a ser desenvolvido, despertando a curiosidade e o interesse a respeito desses assuntos. Finalmente, a imagem fotográfica, com seus diversos componentes e possibilidade sígnicas, permitiu que este estudante expusesse seu ponto de vista satisfatoriamente.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O método utilizado para “dar corpo” à ideia de belo foi a fotografia. E essa escolha tem várias implicações. A primeira delas é o embate sobre a validade da imagem fotográfica enquanto arte.

Desde a invenção da fotografia em 1839, a questão da identidade e do status desse meio de reprodução de imagem foi debatida com base não em suas origens tecnológicas, mas em seu relacionamento com as artes. Poucos negavam que a fotografia fosse uma invenção engenhosa da era moderna, mas muitos a viam como uma ameaça aos valores tradicionais associados às belas-artes. Em uma sociedade simbolicamente dividida entre ‘cavalheiros’ (que exercitavam seu intelecto e sua imaginação) e ‘operários’ (trabalhadores braçais que realizavam trabalhos mecânicos, nos quais não precisavam pensar), uma máquina que produzia imagens era uma ameaça à ordem social vigente. (HACKING, 2012, p.9-10).

A popularização da fotografia, com o decorrer do tempo e da evolução tecnológica, não resolveu sua “identidade mal definida”, complicando-a ainda mais. As diferentes formas de emprego da imagem fotográfica por artistas, principalmente os de vanguarda, levantou uma série de questionamentos – inclusive sobre seu “formato comercial”. Para Douglas Crimp (*apud* HACKING, 2012, p.14), “se a fotografia foi inventada em 1839, ela foi descoberta somente nas décadas de 1960 e 1970 – refiro-me à fotografia como essência, à fotografia em si”. Segundo o autor, foi a partir desses anos que o status cultural da imagem fotográfica tornou-se cada vez mais palpável, e esse movimento foi amplificado com o trabalho intelectual de pesquisadores como Susan Sontag e Roland Barthes, que tomaram a fotografia como um meio de comunicação de natureza própria.

Neste *paper*, a fotografia é classificada como uma forma de expressão legitimamente artística, principalmente porque, além da captura fotográfica, houve seu posterior tratamento e ajuste aos objetivos deste fotógrafo-estudante. De acordo com Fábio

Fantazzini (2005, p.291), é justamente esse trabalho pós ato fotográfico que caracteriza a fotografia como arte:

Na minha concepção de obra de arte fotográfica, *fine print*, o ato de fotografar é apenas a ‘inseminação do óvulo’. É no laboratório que o nascimento se cristaliza. Aí o fotógrafo determina todas as nuances, a escolha dos tons e contrastes, a superfície do papel, o tamanho, a melhor reprodução, bem como tem a oportunidade de consertar todos os erros e defeitos que a prova apresentar. Em outras palavras, é nessa etapa do processo que a obra de arte se materializa, que a visão e a intenção estética do fotógrafo se tornam realidade.

Desta feita, parte-se à segunda implicação da escolha da fotografia como método: a luz. Já no nome, a imagem fotográfica guarda a ideia de “escrita luminosa”, deixando explícita a importância da iluminação para a obtenção de uma fotografia de qualidade. Saber trabalhar com a luz é fundamental para o fotógrafo:

A luz – protagonista da foto – é determinante em qualquer situação ou trabalho. Natural ou artificial é ela quem dá vida às coisas inanimadas e revela expressões que nem sempre conseguimos ver nas pessoas ou nos animais. A luz transmite emoções, cria inesperadas atmosferas, amplia motivos, valoriza texturas, explora belezas e dramaticidades. Não considerá-la responsável por quase toda foto é um erro. E um fotógrafo só revelará fotos invejáveis quando perceber que, antes da composição, do enquadramento, da criatividade e da tecnologia, existe o mais importante: a luz. (CESAR; PIOVAN, 2003, p.26).

A iluminação, como se notará no tópico abaixo, foi uma das – senão a principal – protagonistas da montagem da representação fotográfica do belo, sendo pensada minuciosamente para causar o efeito artístico desejado.

Por fim, a opção pelo método fotográfico contempla o último âmbito de representação do belo neste projeto: a melancolia. É comum encontrarmos em escritos sobre fotografia sua parcela de *memento mori* – expressão latina para “lembra-te de que vais morrer”. Philippe Dubois (1994, p.84), inclusive, define que tudo que foi um dia fotografado, desapareceu irremediavelmente: “aliás, falando em termos temporais estritos, no próprio instante em que é tirada a fotografia, o objeto desaparece”. Barthes (1984) vai ainda mais além nessa ausência explícita e implícita da fotografia. Para ele, a imagem é o “próprio retorno do morto” – ou *spectrum*, como definido em seu livro *A câmara clara*.

Assim, a imagem fotográfica, em sua “ausência essencial” e em sua mensagem velada de que o tempo passa para todos nós, carrega dentro de si a dose adequada de fascínio pelo passado e a nostalgia de um futuro que é incerto.

Para encerrar, a última técnica utilizada que cabe ser destacada é a da representação do corpo nu.

Território construído por liberdades e interdições, e revelador de sociedades inteiras, o corpo é a primeira forma de visibilidade humana. O sentido agudo de sua presença invade lugares, exige compreensão, determina funcionamentos sociais, cria disciplinamentos e desperta inúmeros interesses de diversas áreas do conhecimento. (SOARES *apud* PIRES, 2005, p.25).

O corpo, entendido neste *paper* em seu aspecto físico e mental, pode ser visto como o receptáculo e o propagador do que se passa na alma do ser humano. Segundo Pires (2005), as lembranças, os pensamentos, os afetos, os desafetos, os estados de espírito e os objetivos estão imbuídos na esfera corporal e em suas marcas. Por essa razão, corpo e cultura relacionam-se intensamente, refletindo e espelhando um ao outro de acordo com as normas e os interesses sociais dos quais fazem parte. Essa gama de significados imbricados no corpo o torna atrativo às mais diversas áreas, da ciência à arte.

As técnicas de desenho, pintura e escultura usadas para representá-lo evidenciam o fascínio e a admiração que temos pelas formas humanas. Ao utilizá-las, o artista não necessita tocar o corpo do modelo – o artista toca somente o suporte em que fará a representação e os elementos necessários para a sua realização. O contato durante a utilização de qualquer uma dessas técnicas, normalmente, é feito pelo olhar. (PIRES, 2005, p.26).

Apesar de Pires (2005) não citar a fotografia, essa expressão artística também é feita pelo olhar – olhar este carregado das mudanças tecnológicas e sociais transcorridas no século XIX e, de maneira mais intensa, no século XX. Para a autora, essas transformações alteraram de maneira irreversível o comportamento humano e nosso corpo – unidade central que pauta nosso relacionamento com o mundo. Assim, a representação de um corpo nu como expressão do belo carrega consigo o apelo naturalista de nosso primeiro suporte de contato com o mundo, bem como o lembrete de que, em última instância, é com ele e por meio dele que desenvolvemos as diferentes formas de arte.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Como já exposto acima, diante da proposta dada em sala de aula na disciplina de *Estética e História da Arte*, pensou-se em retratar o belo por meio de uma fotografia artística, optando-se pelo corpo nu para representá-lo. Para tanto, este aluno convidou uma amiga para posar para suas lentes.

Desde o princípio, a ideia era utilizar um tipo específico de iluminação que mostrasse e, ao mesmo tempo, escondesse traços do corpo da modelo. Esse jogo de luzes foi pensado intencionalmente para, assim, representar os sentimentos melancólicos que muitas vezes ficam “à sombra”, vindo a tona em momentos esporádicos. A luz que expõe e oculta também contempla uma proposta de sensualidade pouco vulgar, pois mais censura aos olhos do que oferece à visão.

Para que a fotografia chegasse a esse ponto ideal, foram realizados vários testes de iluminação e posicionamento da modelo ainda vestida. Na proposta final, foram utilizados apenas dois flashes: um frontal sobre um mini-tripé, com um refletor parabólico e uma bandeira para gerar um foco em um determinado ponto desejado; e um segundo flash superior sobre uma grua a um ângulo de 60°, com potência maior que a do primeiro, juntamente com um octobox para suavizar a luz e iluminar a cena de uma forma geral. A sombrinha utilizada pela modelo teve um papel primordial, pois produziu o tipo de sombra idealizada pelo fotógrafo.

Após a escolha da posição e da luz, o chão do estúdio foi marcado com giz, estabelecendo o ponto exato onde a modelo iria ficar e onde os flashes também deveriam ser posicionados. Assim, com os parâmetros selecionados para a captura da imagem, a modelo pôde se despir. Depois de tomada a fotografia, houve, ainda, uma manipulação no programa de edição de imagens *Photoshop* para dar os últimos retoques à iluminação e, assim, revertê-la aos tons de preto e branco, deixando apenas a sombrinha com uma leve saturação. O trabalho com as cores foi deliberado, pois, como afirmam Modesto Farina, Clotilde Perez e Dorinho Bastos (2006, p.2):

As cores influenciam o ser humano e seus efeitos, tantos de caráter fisiológico como psicológico, intervêm em nossa vida, criando alegria ou tristeza, exaltação ou depressão, atividade ou passividade, calor ou frio, equilíbrio ou desequilíbrio, ordem ou desordem etc. As cores podem produzir impressões, sensações e reflexos sensoriais de grande importância, porque cada uma delas tem uma vibração determinada em nossos sentidos e pode atuar como estimulante ou perturbador na emoção, na consciência e em nossos impulsos e desejos.

Dessa forma, a paleta preta-e-branca, em seu contraste natural, guarda as ideias de simetria e complementariedade – características importantes para a ideia de beleza deste estudante-fotógrafo. Ao mesmo tempo, ao se anularem enquanto “forças”, o preto⁴ e o branco⁵ desempenham o papel melancólico pretendido. O único ponto “colorido”, o azul⁶ na sombrinha, reforça ainda mais o clima “nostálgico” por ser em uma cor fria e tipicamente mais “fechada” e introspectiva.

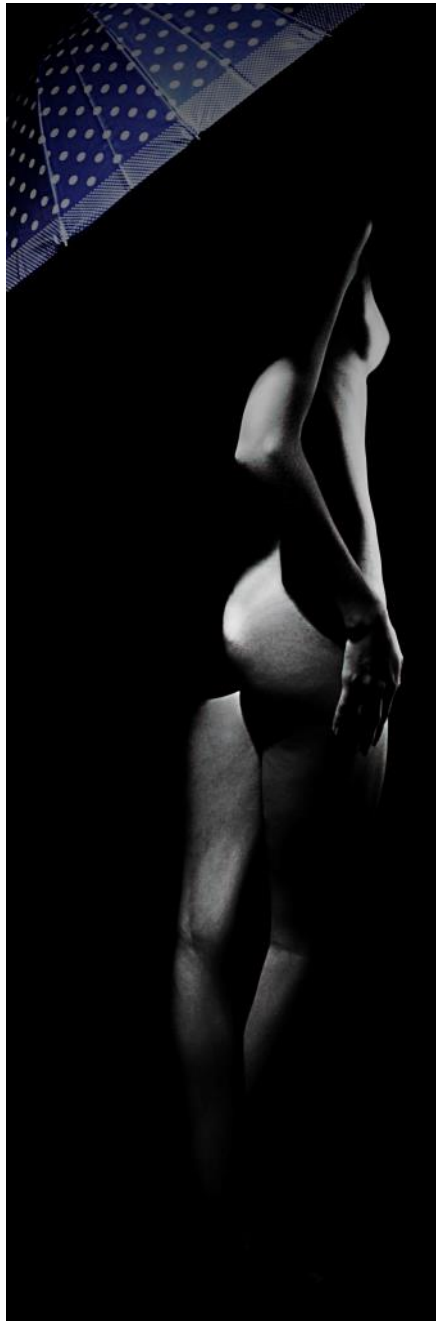
Por fim, o corte mais verticalizado da fotografia foi pensado para seguir e exaltar a própria estrutura do corpo da modelo, alongando-o ainda mais. Os pés e cabeça intencionalmente invisíveis na sombra dão a sensação de “infinito” e fluidez, remetendo aos sentimentos e subjetividades do próprio estudante-fotógrafo ao experimentar a melancolia (imagem 1).

⁴ De acordo com Farina, Perez e Bastos (2006, p.98) a cor preta tem as seguintes associações afetivas: “mal, miséria, pessimismo, sordidez, tristeza, friquidez, desgraça, dor, temor, negação, melancolia, opressão, angústia, renúncia, intriga”.

⁵ A cor branca tem as seguintes associações afetivas: “ordem, simplicidade, limpeza, bem, pensamento, juventude, otimismo, piedade, paz, pureza, inocência, dignidade, afirmação, modéstia, deleite, despertar, infância, alma, harmonia, estabilidade, divindade”. (FARINA, PEREZ, BASTOS, 2006, p.97).

⁶ Para Farina, Perez e Bastos (2006, p.102), a cor azul tem as seguintes associações afetivas: “espaço, viagem, verdade, sentido, afeto, intelectualidade, paz, advertência, precaução, serenidade, infinito, meditação, confiança, amizade, amor, fidelidade, sentimento profundo”.

Imagem 1 – Fotografia produzida enquanto representação do belo pelo estudante Andrios Correa



Autor: Andrios Correa (2013)

6 CONSIDERAÇÕES

Exercitar a capacidade de se expressar, bem como de refletir e produzir suas próprias manifestações de arte é um exercício rico sob os mais diversos aspectos. Da mesma maneira em que se multiplicam as definições de arte e belo, múltiplas são as habilidades humanas de

transpor sentimentos – e colocá-las em prática não só auxilia na interpretação de futuras obras e imagens, mas também aumenta o interesse para que esse esforço e curiosidade nunca cessem quando o assunto é arte.

Neste *paper*, estabeleceu-se como objetivo a construção de um corpo melancólico via fotografia – esboçando tanto a sensibilidade da nudez humana, quanto a fluidez e nostalgia de tudo que é belo na opinião deste estudante. A fotografia, elemento potencializador de sensações, contribuiu decididamente para o resultado final, emprestando à imagem sua “ausência” inerente.

Por fim, fica o convite ao “aprendizado interminável” sobre arte e suas plurais manifestações de beleza, uma vez que a arte,

[...] independentemente do tipo de linguagem que utilize, possui um vocabulário que permite evocar e trazer à tona, mesmo que de forma não muito clara, imagens e sensações mantidas no inconsciente. Através desses processos, ela busca resgatar a tradução primeira de cada indivíduo e de todos eles. (PIRES, 2005, p.60).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CESAR, Newton; PIOVAN, Marco. **Making Of**: revelações sobre o dia-a-dia da fotografia. São Paulo: Editora Futura, 2003.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1994.

ECO, Umberto (org.). **História da beleza**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FANTAZZINI, Fábio. A fotografia, o preconceito e por que ele existe. In: SAMAIN, Etienne (org.). **O fotográfico**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 2005, p.287-291.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5.ed. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2006.

GOMBRICH, Ernest Hans. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

HACKING, Juliet. **Tudo sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte**: piercing, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Editora Senac, 2005.